

#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

# JODI ELLEN MALPAS

*Pleasure has  
never been so  
deadly.*

# THE BRITT



# SWEET CLUB BOOKS IN WONDERLAND

DISTRIBUIÇÃO:

*EVA*

TRADUÇÃO E REVISÃO

*DANI*

LEITURA FINAL :

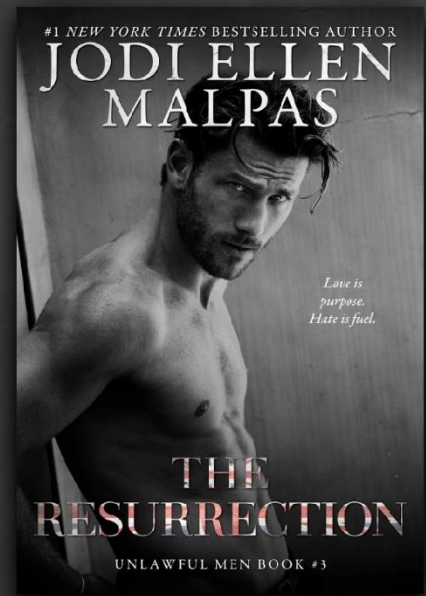
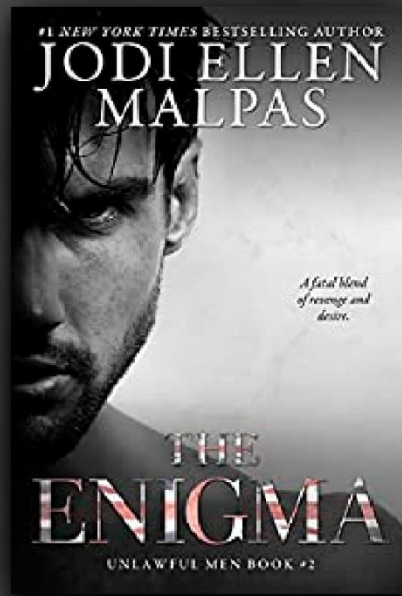
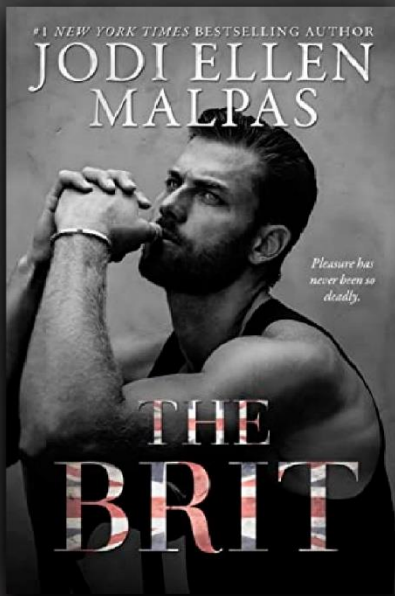
*JUZITA*

FORMATAÇÃO:

*EVA*

FEVEREIRO/2022

# Unlawful Men Series



Sweet Club Books  
5 ANOS

# THE BRIT

Rose Cassidy nunca viveu de verdade. Ela apenas existiu. Anestesiá-la para o medo e a dor era a única maneira dela sobreviver a esse mundo cruel. Mas então quando ela é tomada como garantia pelo notório Danny Black em um mortal jogo de poder, ela é surpreendida pelo medo profundo que sente crescer dentro dela. E, pior do que o medo, um profundo desejo. Ela ouviu histórias do britânico. Ele é cruel. Sangue frio. Mas ninguém disse que ele era perversamente bonito e misteriosamente cativante. Ele vê além da máscara que ela usa, dando a Rose um cruel senso de esperança. Mas ela deve lutar contra a atração distorcida que eles sentem ou corre o risco de perder a única coisa pela qual ela vive.

Quando Danny Black pegou a bela amante do seu inimigo como garantia, ele nunca imaginou as consequências. Ou a atração distorcida que os dois iriam compartilhar. Rose Cassidy deixa Danny a beira da loucura com sua postura impenetrável e charme selvagem. Ele precisa lembrar a si mesmo que ela é uma isca. Uma solução para um problema. Mesmo que ela provoca sentimentos poderosos em Danny, e sentimentos são arriscados quando muitos inimigos o querem morto.

O jogo mais perigoso está prestes a começar.

Mas eles podem ganhar?



## PRÓLOGO – PARTE 1

Londres - vinte anos atrás

### DANNY

Eu podia sentir o cheiro. Bacon. Bacon gorduroso e oleoso. Estava fazendo meu estômago se revirar mais enquanto eu vasculhava a enorme lixeira na parte de trás da lanchonete que eu atacava diariamente. Minhas mãos frenéticas estavam cavando como se minha vida dependesse disso, vasculhando através das batatas fritas e dos pães amolecidos para encontrar as coisas boas. Quando movi uma caixa de papelão e o cheiro se intensificou, flutuando em meu rosto imundo, quase olhei para o céu em agradecimento. Mas eu não fiz, porque se houvesse um deus, eu não estaria vasculhando uma lixeira como um vagabundo.

Eu tinha certeza de que o bacon nunca teve o gosto tão bom, e o pedaço que eu encontrei tinha os restos de queijo derretido espalhado por toda parte. Minha boca encheu de água; minha barriga roncou forte. Eu passeio-o pelos meus dentes e mastiguei como uma criança possuída, engolindo muito rápido. Eu deveria ter saboreado. Quem poderia dizer quando eu encontraria outro pedaço do céu como aquele, porque, vamos encarar, quem tirava o bacon em um cheeseburger com bacon? Era meu dia de sorte.

Limpendo minhas mãos, pulei da borda da lixeira, estremeando um pouco com a dor aguda na minha costela. Levantando minha camiseta, uma das duas que eu tinha, que era três vezes menor, mesmo para meu corpo emagrecido de dez anos de idade, inspecionei os danos.

“Bastardo”, eu murmurei, observando as manchas coloridas sobre meu torso, uma mistura feia de roxo, amarelo, preto e azul. Eu era um idiota estúpido. Ele me disse para confiar nele. Ele prometeu não me algemar se eu obedecesse e pegasse sua cerveja. No momento em que estendi a lata, ele a pegou e começou a me bater com ela. Não doeu. Nunca doía durante o espancamento. Era depois, quando eu escapava do babaca e não estava mais me deixando anestesiado, que a dor aparecia. Parte de mim sabia que quando aceitava o que ele me dava sem nem mesmo um murmúrio, isso o deixava mais furioso. Mas aprendi anos antes que tinha satisfação em saber que o frustrava. Ele nunca me veria implorar. Ele nunca veria minha dor. Nunca. Nem mesmo quando ele me prendeu de cara na mesa da cozinha e enfiou seu pau na minha bunda.

Firmei meus pés e comecei a caminhar pelo beco em direção à rua principal. Nem mesmo o frio cortante me afetava mais. Eu estava endurecido. Acostumado à tortura lenta que era minha vida triste. Eu estava vestindo uma camiseta meio rasgada de um lado expondo meu torso esquelético. Em dezembro. Estava menos um grau, e eu não conseguia sentir absolutamente nada.

Assim que cheguei ao fim do beco ouvi meu nome sendo chamado. A voz deveria ter me feito sair correndo. Mas, em vez disso, me virei e encontrei Pedro, um garoto da propriedade chique mais acima na rua. Ele estava flanqueado por seu grupo usual de cinco, todas as crianças em situação melhor do que eu. Não era uma tarefa difícil. Pedro era italiano. Sua família era dona de um restaurante na rua principal, onde eu costumava vasculhar. A primeira vez que vasculhei a lixeira procurando sobras, ele me pegou. A partir daquele dia, Pedro fez sua missão tornar minha vida miserável. Ou ainda mais miserável.

Os seis meninos me cercaram e eu olhei em cada um. Eu não estava com medo. Na verdade, estava mais maravilhado com suas roupas limpas e seus tênis novos. Eles eram todos

italianos. Primos, eu acho. Mas Pedro era o líder da gangue, e também era o maior, tanto em altura quanto em largura.

“Encontrou algo saboroso, vagabundinho?” Pedro perguntou, acenando com a cabeça para a lixeira que eu tinha acabado de sair. Seus primos começaram a rir, como se não o tivessem ouvido me fazer a mesma pergunta uma dúzia de vezes antes. Não me incomodei em responder. Minha resposta não teria mudado o resultado, e fugir teria feito da próxima vez que ele me pegasse um encontro mais longo. Então, fiquei parado e esperei que ele se aproximasse de mim, desligando-me pela segunda vez naquele dia. Seu sorriso era perverso quando ele se inclinou e me cheirou antes de torcer o nariz em desgosto. “Então?” Ele provocou.

“Bacon”, respondi estoicamente. “Estava melhor do que aquele macarrão de merda que encontro nas lixeiras de sua família.”

Seu rosto vacilou antes que ele rapidamente se recompusesse e seu desgosto aumentasse. De uma forma doentia, eu saboreei isso, apesar da surra que eu sabia que estava por vir. “Acabe com ele”, ele cuspiu, dando uma cotovelada no menino alto e magro ao lado dele. Acho que o chamaram de Bony. Eu sorri por dentro. Ele não tinha nada contra mim.

Bony tirou uma faca de sua calça jeans estilosa, inspecionando a lâmina. Eu deveria ter recuado. Mas não. Nada que eu enfrentasse me perturbaria naquele ponto da minha vida. “Vá em frente”, eu o incitei, dando um passo à frente. Seus lábios se curvaram e seu braço disparou para frente. Meus olhos se fecharam, mas não movi mais nada, pois senti a lâmina afundar na minha bochecha e arrastar alguns centímetros para baixo.

A gangue aplaudiu, claramente emocionada com o trabalho de hoje, e eu abri meus olhos, sentindo uma umidade quente deslizando pelo meu rosto, encontrando o canto da minha

boca. Eu lambi um pouco de sangue, me familiarizando com o gosto de cobre.

“Você é doente, cara”, Pedro cuspiu.

“Quer provar?” Eu toquei minha bochecha e arrastei meu dedo pela corrente de sangue, apresentando a ele.

A raiva em seus olhos me emocionou enquanto ele avançava, pronto para acertar alguns golpes brutais no meu rosto. Eu estava mais do que pronto. Cada minuto da minha vida, eu estava pronto. O que eu suportei em casa tornava mais fácil aceitar o que quer que esse pedaço de merda jogasse na minha direção.

Pedro levantou e recuou o punho, mas o som de pneus cantando o fez parar, e todos viramos ao mesmo tempo para ver um velho Merc avançando rapidamente em nossa direção. Pedro e sua gangue se separaram. Eu? Eu parei e observei enquanto mais dois carros entravam no beco, dois outros Mercs, mas esses novos. Um correu atrás do velho Merc e outro veio do outro lado do beco, bloqueando-o.

Recuei para as sombras e observei seis enormes homens de terno saírem dos dois novos Mercs, três homens de cada carro. Apesar de ser dezembro, todos usavam óculos escuros. E rostos sérios. Eles eram todos filhos da puta de aparência cruel. Um abriu a porta traseira de um dos carros, e então outro homem apareceu, este nitidamente destoante dos outros em um terno de linho creme. Ele tomou seu tempo, endireitando os poucos vincos de seu terno antes de passar a mão pelo cabelo. Ele parecia importante. Poderoso. Destemido. Respeitado. Era óbvio para mim, mesmo aos dez anos, que ele conquistou isso. Ele não era só um valentão. Fiquei instantaneamente admirado por ele.

Eu assisti com fascinação enquanto ele caminhava em direção ao velho Merc e abria a porta do motorista. Então eu ouvi um pedido de misericórdia.

E então ouvi um grande estrondo. Um tiro.

Pisquei algumas vezes, hipnotizado, enquanto o homem de terno creme friamente fechava a porta do velho Merc e começava a vagar casualmente de volta para um dos carros. Olhei para o velho Merc e vi sangue espalhado por toda parte, um corpo tombado sobre o volante.

“Cuide disso”, disse o homem de terno creme, puxando as calças na altura dos joelhos para entrar no carro.

Foi então que eu vi. Um homem do outro lado da rua atravessou uma cerca de ferro, escalando um muro alto que dava para o beco. E em sua mão, uma arma. Ele parecia um causador de problemas. Muito esfarrapado e sujo para estar com os homens de terno elegantes dos Mercs novinhos em folha, e antes que eu pudesse registrar meu movimento de boca, eu estava gritando, “Ei, senhor. Ei!”

O homem de terno creme fez uma pausa, olhando em minha direção junto com os outros homens bem vestidos. Seus olhos azuis brilharam para mim. Eu era criança, sim, mas conhecia o mal quando o via. Eu olhava para ele quase todos os dias, embora o que estava me encarando naquele momento fosse um tipo diferente de ameaça. Minha jovem mente não conseguia identificar exatamente o que era diferente. Só que... era.

Eu levantei minha mão e apontei para a parede. “Ele tem uma arma.” Quando olhei de volta para a parede, encontrei o cara apontando sua arma para o beco, bem no homem de terno creme. Um tiro disparado. Apenas um, e não veio do homem acima de nós. Como um saco de merda, o bandido na parede despencou e atingiu o concreto com um baque ensurdecador, e eu encarei sua forma mutilada espalhada no chão, seu pescoço torcido em seu corpo, sua cabeça em um ângulo estranho. Seus olhos estavam abertos e neles eu vi um mal *familiar*. O tipo de mal que via todos os dias.

Eu não desviei o olhar até que uma sombra rastejou sobre mim. Olhando para cima, fiquei cara a cara com o homem de terno creme. Ele era ainda maior de perto, ainda mais assustador. “Qual é o seu nome, garoto?” Ele perguntou. Ele tinha um sotaque, exatamente igual ao que eu ouvi quando fui no cinema. Americano.

“Danny.” Eu não era de entreter estranhos, mas o homem exigia uma resposta sem nem mesmo pedir.

“Quem fez isso na sua cara?” Ele acenou com a cabeça na minha bochecha, deslizando a mão no bolso. Percebi que na outra ele ainda estava segurando a arma.

Alcançando minha bochecha, eu a segurei, sentindo minha palma deslizar pelo sangue. “Não é nada. Não dói.”

“Cara grande e durão, hein?” Suas sobrancelhas grossas levantaram e eu encolhi os ombros. “Mas essa não foi minha pergunta.”

“Apenas algumas crianças.”

Sua sobrancelha grossa enrugou um pouco, e o mal brilhou mais forte. “Da próxima vez que eles tentarem fazer isso com você, mate-os. Sem segundas chances, garoto. Lembre-se disso. Não hesite, não faça perguntas. Apenas faça.”

Eu olhei para o carro que estava decorado com sangue, acenando com a cabeça, e o Sr. Terno Creme olhou para mim, torcendo o nariz para a minha forma imunda. Quando sua mão armada se estendeu e levantou o tecido da minha camiseta com a ponta da arma, não fiz nada para detê-lo. Não vacilei, nem mesmo me movi. “Eles também fizeram isso?”

“Não, senhor.”

“Quem?”

“Meu padrasto.”

Seus olhos azuis piscaram para encontrar o meu olhar. “Ele bate em você?” Ele perguntou, e eu assenti. “Por que?”

A verdade era que eu não sabia. Ele me odiava. Sempre odiou. Então, encolhi meus ombros magros novamente.

“Sua mãe?”

“Fugiu quando eu tinha oito anos.”

Ele fungou, dando um passo para trás, e suspeitei que ele estava montando meu miserável quebra-cabeça. “Da próxima vez que seu padrasto tocar em você, mate-o também.”

Eu sorri, amando a ideia de fazer isso. Eu não faria, não poderia - meu padrasto era cinco vezes maior que eu - mas mesmo assim assenti. “Sim senhor.”

Eu não tinha certeza, mas achei que um sorriso apareceu nos cantos de sua boca. “Aqui.” Ele puxou uma pilha de notas que estava perfeitamente unida por um clipe de dinheiro brilhante e tirou uma nota de cinquenta. Meus olhos saltaram. Eu nunca tinha visto uma de cinquenta antes. Nem mesmo vinte. “Compre algo para comer e algumas roupas limpas, garoto.”

“Obrigado, senhor.” Peguei a nota de sua mão e a segurei na minha frente com as duas mãos. Eu estava pasmo, e deve ter sido óbvio porque o homem riu levemente enquanto tirava outra.

Eu assisti maravilhado quando ele estendeu a mão e enxugou minha bochecha. Com uma nota de cinquenta libras! “Você está pingando por toda parte.” Ele empurrou a nota ensanguentada na minha mão. “Agora, desapareça.”

Saí correndo com minhas duas notas de cinquenta, meus olhos fixos nelas enquanto corria pelo beco, preocupado que alguém as tomasse de mim a qualquer segundo. *Corra, Danny, corra!*

Ouvi o som familiar de um Nissan velho à frente e meus pés pararam. Meu padrasto parou e saltou, vindo em minha direção com o olhar assassino de sempre. Ele não falava primeiro. Nunca. As costas de sua mão colidiram com minha bochecha já machucada. Eu não vacilei, nem mesmo quando ouvi minha carne rasgar mais um pouco. “Onde diabos você as conseguiu?” Ele questionou, tirando as notas de cinquenta da minha mão.

Era completamente estranho para mim, mas gritei e avancei nele, tentando reconquistá-las. “Ei, elas são minhas! Devolva-as.”

Eu não queria lutar por elas ou mostrar a ele que me importava, mas... elas eram minhas. Nunca tive nada. Eu não iria gastá-las, nunca, e se ele ficasse com elas, elas teriam ido embora antes do final do dia com bebida, drogas e uma prostituta. Minha visão ficou embaçada quando ele me acertou bem na mandíbula antes de agarrar meu cabelo crescido e me arrastar em direção à seu carro velho. “Entre no carro, seu merda.”

“Com licença.”

Meu padrasto se virou, levando-me com ele. “O que?”

O homem de terno creme se aproximou, e a maldade que vi em seus olhos antes estava de volta com força total. “Este é seu padrasto, garoto?” Ele perguntou, e eu balancei a cabeça o melhor que pude com minha cabeça parcialmente contida. O Sr. Terno Creme balançou a cabeça levemente, voltando sua atenção para o meu padrasto. “Dê o dinheiro ao garoto.”

Meu padrasto zombou. “Foda-se.”

Sem outra palavra, sem segunda chance ou qualquer aviso, o Sr. Terno Creme ergueu a arma e acertou uma bala entre os olhos do meu padrasto. Minha cabeça foi puxada para trás quando ele caiu no chão, arrancando um pouco do meu cabelo. Bem desse jeito. *Bang*. Sem segundas chances. Morto.

*Se Foi.*

Avançando e se abaixando, o Sr. Terno Creme pegou as notas de cinquenta da mão do meu padrasto morto e ofereceu-a para mim. “Sem segundas chances”, ele disse, simples assim. “Você tem família?”

Peguei as notas e balancei a cabeça. “Não senhor.”

Ele lentamente se ergueu, seus lábios franzidos. Ele estava pensando. “Duas notas de cinquenta não vão te levar muito longe na vida, vão?”

Naquele momento, me senti o garoto mais rico do mundo. Mas eu sabia que cem libras não iam longe. “Suponho que não, senhor. Quer me dar mais um pouco?” Eu sorri de forma atrevida, e ele espelhou meu movimento.

“Entre no carro.”

Meus olhos se arregalaram. “No seu carro?”

“Sim, no meu carro. Entre.”

“Por que?”

“Porque você vai voltar para casa comigo.” Com esse aviso, ele se virou e começou a se afastar, me deixando perseguindo seus calcanhares.

“Mas, senhor...”

“Você tem outro lugar para ir?” Ele continuou andando, passando sua arma para um de seus homens quando alcançou seu Merc brilhante.

“Não.”

Acomodando-se em seu assento, ele deixou a porta aberta, olhando para mim do lado de fora de seu carro. “Você nem mesmo vacilou quando ele te prendeu.”

Encolhi os ombros. “Não dói mais. Além disso”, eu continuei, sentindo meu peito esquelético estufar, como se este estranho grande e imponente pudesse ficar impressionado, “mesmo se doesse eu nunca o deixaria notar.”

Ele sorriu. Foi um sorriso largo e tive a sensação de que isso não acontecia com frequência. “Eu não dou segundas chances.”

Entrei rapidamente no carro.

## PRÓLOGO – PARTE 2

Miami — dez anos atrás

### ROSE

A dor era insuportável. Meu corpo inteiro se contorceu, ficando tenso, tentando detê-la. Minhas costas nuas roçavam as pedras de concreto abaixo, rasgando minha carne através da minha camiseta rasgada enquanto eu me contorcia, apertando minha barriga, meus gritos altos e uivantes. Meu cabelo comprido, escuro e desgrenhado estava molhado de suor e grudando no meu rosto. Era sufocante. Achei que ia desmaiar a qualquer momento. Talvez fosse melhor. A inconsciência parecia a única maneira de sair do poço sem fim de dor. Ou morte. Mas eu não queria morrer, especialmente porque finalmente tinha algo pelo qual viver.

Eu não sei há quanto tempo eu estava aqui. Horas. Dias. Para sempre? Minha vida parecia um grande buraco de agonia.

Quando isso acabaria?

Virei para o lado e me enrolei, tornando-me a menor possível. Eu estava sozinha. Quinze anos, apenas uma menina, e eu estava sozinha.

Sempre estive. Por que agora isso doía quase tanto quanto a agonia física estava além de mim. Chorei. Eu gritei. Onda após onda de dor continuava vindo. Eu não conseguia impedir. Não era possível controlar. Eu estava indefesa, à sua mercê.

“Sua bobinha.”

A voz perfurou a escuridão e minha dor, substituindo-a pelo medo. Eu rapidamente me sentei e recuei até minhas costas baterem nos tijolos ásperos da parede. Não sei por quê. Não havia como escapar dele.

Seus sapatos caros batiam no concreto próximo de mim, ficando mais barulhentos, mais ameaçadores conforme ele se aproximava. Ele se abaixou, tendo meu corpo encolhido em sua mira.

E ele sorriu. Ele sorriu tão largo. “Vamos te levar para casa, Rose.” Ele se levantou e estalou os dedos, magicamente fazendo cinco homens aparecerem. Dois me pegaram, assim que outra onda de dor me dominou, curvando minhas costas e me fazendo gemer em seus braços.

“Ela está sangrando por toda parte, pelo amor de Deus”, um homem resmungou, olhando para mim como se eu fosse a criatura mais nojenta do universo. Eu não disse nada. Aceitei sua repulsa. Era irônico que qualquer um dos dois homens que me carregavam pudesse ser a razão do meu estado. Fui virtualmente atirada no banco de trás de seu carro ostentoso e, em seguida, levada de volta para o lugar de que não havia escapado por muito tempo. O tempo todo, meus medos começaram a contrabalançar a dor.

Quando chegamos, fui colocada em uma cadeira de rodas e levada para um quarto privado. Deitada na cama. Ligada a máquinas.

Uma enfermeira pairou sobre mim, enquanto os homens que me carregaram guardavam a porta, garantindo que eu não escapasse novamente. Eu não poderia agora, se quisesse. O medo me paralisou e a dor me dominou.

Então eu ouvi.

*Bip.*

*Bip.*

*Bip.*

Virei minha cabeça para o lado e observei uma linha brilhante pular lenta e consistentemente.

“Está fraco, mas ainda há um batimento cardíaco”, disse uma enfermeira, olhando para trás, na direção da porta quando ele entrou, juntando-se aos seus homens.

Ele me lançou um olhar para sugerir que eu apenas evitei a morte com um sussurro. Eu sabia que sim. Mas e depois desse pesadelo? Valeria a pena sobreviver? E será que este pesadelo *nunca* terminaria?

“É hora de empurrar, garota”, disse a enfermeira, no momento em que fui emboscada por outra contração, essa pior do que as outras. Joguei minha cabeça para trás e gritei para passar por ela, implorando e rezando por alívio.

Demorou dois empurrões antes que um pequeno corpo caísse em meu peito, e eu olhei para baixo, encontrando uma pequena cabeça coberta de sangue. O pânico logo se instalou. Meu bebê não estava chorando.

“Um menino”, disse a enfermeira, enxugando o rostinho com força.

“Isto está vivo?” Ele perguntou da porta.

*Isto.* Meu filho era *isto*. Um pedaço de vida sem nome para o bastardo frio na porta. Para mim, ele era tudo.

A enfermeira deu um tapa na pele perfeita da bunda do meu filho e ele gritou. Ele gritou tão alto, como uma mensagem ao mundo que ele havia chegado. Suspirei e caí para trás quando a enfermeira cortou seu cordão e o ergueu ao meu peito.

Aqueles quinze minutos dele chupando a única bondade que eu tinha de mim foram os quinze minutos mais incríveis da minha vida.

Então ele foi arrancado de meus braços. “Não!” Avancei para agarrá-lo enquanto a enfermeira o envolvia com força em um cobertor e o passava para o diabo perto da porta. “Por favor não.” Meus soluços foram instantâneos, apesar de saber o que estava por vir. O choque estava cortando meu coração em dois.

“Fizemos um acordo, Rose”, disse ele, embalando meu bebê em seus braços. “Você não pode cuidar dele. Que tipo de vida ele vai ter morando com você nas ruas?”

Um acordo? Você não fez um acordo com este homem. Você fez o que lhe foi dito ou você morreria.

“Ele é minha única carne e sangue.” Minhas entranhas se retorceram e puxaram quando outro ataque de dor passou por mim. Eu gritei, apertando minha barriga agora vazia. Que agonia era essa? Pesar?

“Ela está com hemorragia.” A enfermeira não parecia com pressa. Ela parecia calma também. Senti um líquido quente derramando do meu corpo, encharcando a cama sob minha bunda. “Ela vai precisar de uma transfusão.”

“Ela será capaz de engravidar novamente?” Ele perguntou da porta.

“Improvável.” A enfermeira foi tão direta. Tão insensível.

Meu corpo parecia drenar vida e energia em segundos, e meus olhos de repente ficaram pesados, minha audição distorcida. “Por favor, não o tire de mim”, eu implorei fracamente.

“Ele terá uma casa adorável. Pais amorosos que podem dar a ele tudo que você não pode. E em troca, você conseguirá viver.” Ele olhou para a enfermeira. “Dê a ela a transfusão.” Eu não tinha percebido até então que a enfermeira havia parado de

trabalhar em mim. Ela estava esperando por seu sinal verde para me manter viva?

Se eu pensei que tinha sentido dor, estava errada. Assisti-lo sair com meu bebê foi doloroso. A última coisa que vi naquele dia foi a mãozinha do meu bebê segurando o dedo do bastardo malvado - o dedo mínimo em que ele usava aquele anel de serpente nojento. Era quase tão grande quanto a mão do meu filho, e os olhos esmeralda da cobra eram tão cegantes quanto minha dor.

# CAPÍTULO 1

Miami - Dia Atual

## DANNY

A caminhada pelo corredor em direção a sua suíte parece quilômetros, o som dos meus sapatos batendo no chão de mármore sólido ecoando ao meu redor. Nossa mansão cheira a morte. Já senti o cheiro de morte o suficiente para reconhecê-lo, mas agora não é bem-vindo. Sinto como se estivesse caminhando pelo corredor da morte, embora não seja eu que estarei quase dois metros abaixo no final.

Os dois seguranças flanqueando as sólidas portas duplas de madeira do lado de fora de seu quarto parecem de luto. A dor pesa no ar.

Dois acenos rápidos me cumprimentam quando paro. Assentimentos solenes. Eles não abrem as portas, eles sabem que não abrirão até que eu dê sinal verde para eles. Até eu estar pronto. Eu estou?

“Esther está aí com ele?” Eu pergunto, recebendo um aceno em resposta. Eu engulo e aceno de volta, respirando fundo enquanto as portas são abertas para mim. Eu entro, puxando meu paletó, olhando para baixo na minha frente para verificar se há fiapos. É um movimento consciente, para me distrair, para me atrasar de olhar para a enorme cama de dossel e encarar o que estou temendo. A dor bloqueia minha garganta, mas não posso demonstrar. Ele vai ficar puto se eu mostrar.

O som de Esther se movendo pelo quarto atrai minha atenção, e eu a encontro esvaziando sua bolsa de cateter. Só isso

já faz meu coração apertar. O homem é orgulhoso. Notório. Uma porra de uma lenda, temido por todos em nosso mundo. Seu nome sozinho já faz as pessoas estremecerem. Sua presença injeta medo como nenhum outro. Sempre achei que ele era invencível. Ele se esquivou de dezenas de atentados contra sua vida, riu diante dos muitos esforços de assassinato. E aqui está ele esperando para morrer nas mãos da porra do câncer, incapaz de cuidar de si mesmo. Nem mesmo da maneira mais simples.

Eu finalmente olho para a cama. Meu herói, meu pai, o lendário Carlo Black é metade do homem que costumava ser, a doença literalmente o corroeu. Sua respiração é barulhenta. O som da morte. Não vai demorar muito.

Movendo-me ao redor da beira de sua cama, eu me sento na cadeira e pego sua mão magra. “Chame o padre”, digo a Esther, enquanto ela se curva arrumando cuidadosamente as cobertas na altura da cintura dele.

“Sim, Sr. Black.” Ela olha para mim, sorrindo com simpatia, e eu olho para longe, incapaz de aceitar sua oferta silenciosa de compaixão.

“Agora”, acrescento brevemente.

Ela sai do quarto, e a cada segundo que ela se foi, a respiração dele parece ficar cada vez mais alta. “Está na hora, pai”, eu digo suavemente, me aproximando e descansando meus cotovelos no colchão, colocando uma das mãos dele nas minhas.

Ele não abre os olhos há dois dias, mas agora, como se soubesse que estou aqui e é hora de dizer adeus, suas pálpebras se contraem. Ele está tentando me ver. Ele sabe que estou aqui. Eu descanso meus lábios em nossas mãos agrupadas, silenciosamente desejando forças para ele me ver uma última vez. Não percebo que estou prendendo a respiração até que seus olhos azuis vítreos sejam revelados, o brilho há muito desaparecido, o branco de seus olhos agora amarelo.

Ele olha para mim, vazio. “Oi”, ele murmura, seguido por uma tosse superficial que faz seu corpo magro estremecer um pouco.

“Não fale”, eu digo, verdadeiramente dilacerado por vê-lo tão fraco.

“Desde quando é aceitável que você me diga o que fazer?”

“Desde que você não pode atirar em mim”, eu respondo, e ele ri, o som é tão bem-vindo, até que se transforma em outra tosse e uma luta por ar. “Fique quieto.”

“Foda-se.” Ele aperta minha mão fracamente. “Você veio se despedir?”

Eu engulo mais uma vez, me forçando a manter a fachada que é esperada de mim. “Sim, e eu encomendei um presente de despedida para você.”

“O que é?”

“Um belo traseiro para carregar seu pau moribundo até o céu.”

“É bunda, não traseiro, seu pedaço de merda britânico. Todos esses anos... estive comigo. Você ainda fala assim... como se você tivesse saído do Palácio de Buck... ing... Ram.”

“Idiota”, murmuro com um sotaque americano péssimo.

Outra risada, desta vez mais alta, pois a tosse é ainda mais forçada. Eu não deveria estar fazendo ele rir. Mas somos assim. Sempre foi. Ele entregando amor agressivo e eu aceitando isso. Cada coisa que este homem fez por mim foi porque me ama. Ele é a única pessoa neste mundo fodido que já fez isso.

Olhando para mim, ele sorri aquele raro sorriso largo. Eu só o vi usando-o para mim. “Nunca confie em ninguém”, ele avisa, não que ele precise. Ele é uma das únicas duas pessoas em quem

confiei e aqui está ele morrendo, deixando apenas Brad. Mas Brad não me ama como pai me ama. “Não hesite em matar”, ele sussurra.

“Nunca hesitei.” Ele sabe disso. Afinal, aprendi com ele.

Ele leva um momento, tentando encher os pulmões. “Sem segundas chances, lembra?”

“É claro.”

“E pe... pelo amor de Deus, aprenda como... jogar pôquer.”

Eu rio, o som é pura alegria, apesar de meus olhos se encherem de lágrimas. A sensação é estranha. Não choro desde os oito anos. Minhas terríveis habilidades no pôquer têm sido um ponto de discórdia para meu pai durante toda a minha vida. Ele é um profissional. Vence todos os jogos. Ninguém quer enfrentá-lo, mas ninguém jamais recusou. Não, a menos que eles quisessem uma bala em seu crânio. “Se você não pode me ensinar, acho que estou além de ajuda.” Eu realmente estou. A única razão pela qual eu ganho é porque os pobres filhos da puta que jogam comigo têm uma arma invisível apontada para suas cabeças. Com o passar dos anos, a reputação de meu pai *me* acompanhou.

“Verdade”, ele arranha, seu sorriso fraco perverso. “Meu mundo é seu para governar agora, garoto.” Ele puxa minhas mãos para sua boca e beija meus nós dos dedos, em seguida, começa a remover o anel de serpente de seu dedo mínimo. Até os olhos esmeralda da cobra parecem opacos. Sem vida.

“Aqui”, eu digo, inclinando-me para ajudá-lo, o anel de ouro e esmeralda se solta, saindo com facilidade. Deslizo no dedo mínimo, mas não olho para ele. Não quero ver isso em mim. Nunca quis. Porque isso vai tornar isso muito fodidamente real.

“Deixe-me orgulhoso.” Seus olhos se fecham e ele inala, como se estivesse dando seu último suspiro.

“Eu vou”, eu juro, deixando minha testa cair no travesseiro. “Descanse em paz, senhor.”



Ao fechar a porta da suíte atrás de mim, encontro o tio Ernie, primo do meu pai. Não tenho a menor ideia de por que o chamo de *tio*, mas papai insistiu, e eu sempre ouvi papai. Ernie é o oposto de meu pai, e com isso quero dizer que ele é um cidadão respeitador da lei. Ele ganha seus milhões legitimamente no mercado de ações e é um membro do público íntegro e respeitado. Sempre me perguntei como ele e papai se davam tão bem, considerando sua ética e moral contrastantes. Talvez porque Ernie seja o único parente vivo de meu pai. O relacionamento deles sempre foi fácil, mas isso só porque eles tinham um entendimento mútuo de nunca discutir negócios. O respeito e o amor que Ernie nutria por meu pai provavelmente foram perdidos, devido aos negócios do papai, mas tenho muitas boas lembranças deles rindo juntos na varanda enquanto fumavam um cubano com conhaque.

“Você está muito atrasado.”

Seus ombros caem, assim como suas bochechas fortemente enrugadas. A morte está incrustada em cada fenda de seu rosto. “Sinto muito, filho. Eu sei o quanto você adorava aquele filho da puta bárbaro.”

Eu dou a ele um sorriso manso, e ele desliza o braço em volta dos meus ombros, me dando um meio abraço.

“Você sabe o que o seu velho sempre me disse?” Ele pergunta.

“Que você está desperdiçado sendo um santo?”

Tio Ernie ri e me solta, tirando um envelope do bolso interno. “Desperdiçado? Este santo salvou a pele do seu pai mais de uma vez.”

Eu sorrio, lembrando-me de algumas dessas vezes. Uma vez em Nova York, quando um pequeno gangster pensou que poderia subir na escada do poder se matasse meu pai. Ernie o viu puxando a pistola e alertou papai, que se abaixou a tempo. O culpado foi torturado lentamente pelos homens de meu pai. Eu tinha doze anos. Eu observei, a cada segundo deles arrancando as unhas de seus dedos como se pudessem estar pinçando sobrancelhas indisciplinadas. Então eu os observei esculpir meu emblema de família em seu peito e derramar ácido nas feridas. Eu sorri ao longo disso. O idiota tentou matar o único humano que já cuidou de mim. Então, sim, ele merecia cada segundo de seu tempo acorrentado àquela cadeira de metal antes de ser eletrocutado. Fui eu quem liguei a energia.

Em seguida, houve outra vez na Costa Rica. Eu tinha quinze anos. Uma prostituta com o qual meu pai estava se deitando tentou acertá-lo com uma faca enquanto ele dormia. Ernie a interrompeu. Acontece que ela foi plantada pela KGB. Nunca perguntei o que aconteceu com a prostituta.

Não é da minha conta.

“Aqui.” Ernie me entrega o envelope. “Seu pai queria que eu desse isso a você.”

Eu aceito lentamente, como se pudesse ser uma bomba disfarçada. “O que é isso?”

“Sua última vontade e testamento.” Ernie sorri. “Ele realmente era um doente fodido.” Ele pisca e passa por mim, indo para o quarto do meu pai. “Ele detalha seus desejos para o funeral também. Pode haver um problema, no entanto.”

Eu olho do envelope para Ernie. “Por que?”

“Bem, ele insistiu em ter sua despedida na catedral, então talvez você não possa comparecer. Não é de bom gosto matar um inimigo enquanto eles estão fazendo seus votos, Danny.”

Eu rio baixinho, lembrando-me do banho de sangue no altar apenas alguns meses atrás. Não, não é de bom gosto, mas também não é de bom gosto aliciar menininhas, e aquele filho da puta irlandês que dizia seus votos na casa de Deus tinha um certo carinho por menininhas. Animal de merda.

Ernie desaparece na suíte de meu pai, e eu caminho para o escritório, abrindo o envelope no caminho. Eu o folheio, pulando sobre as partes que provavelmente afetarão minhas emoções, notando que meu pai quer um funeral com todos os enfeites. Ele até detalha os hinos que deseja que sejam cantados. Eu balanço minha cabeça quando leio a lista. *I Watch the Sunrise* está no topo. É para mim. *Pois você está sempre comigo, seguindo meus caminhos.*

“Eu vou, pai”, eu digo enquanto abro a porta de seu escritório e aprecio o espaço extravagante. Há seis meses estou comandando o show, mas nunca fui capaz de me sentar à mesa dele. Parecia muito final. Agora, ele se foi. Eu olho para o meu dedo mínimo, vendo os olhos da cobra brilharem novamente. Vivo. Como se ele pudesse estar me observando. Me monitorando. Certificando de que faço as coisas certas por ele. Certificando de que sigo seus caminhos.

Ele não tem nada com que se preocupar. Eu tenho o instinto, e ele viu isso em mim desde o primeiro dia.

“Danny?”

Eu me viro e encontro Brad na porta, e seu rosto se contorce quando ele registra minha expressão. “Cinco minutos atrás”, eu confirmo, enquanto seu olhar cai para o anel no meu dedo mínimo. Eu o giro, encontrando conforto no movimento, na sensação de aquecer minha pele com a fricção.

“Sinto muito, Danny.”

Eu aceno e me forço para o outro lado da mesa do meu pai, puxando sua cadeira. Seu trono. No segundo que meu traseiro atinge o couro aveludado, me sinto à vontade. Como se ele estivesse me cercando. Me abraçando. “Traga-os para dentro”, ordeno, e Brad acena com a cabeça, indo buscar os homens. Não tenho tempo para lamentar. No momento em que o mundo soube que meu pai tinha sido levado para a cama seis meses atrás, a merda começou a voar, os filhos da puta pensando erroneamente que comigo na frente da organização e talvez distraído pelo meu pai moribundo, buracos poderiam aparecer em nossa armadura. Errado. Mais pessoas morreram por minhas mãos nos últimos seis meses do que nos últimos seis anos. Eu não faço prisioneiros.

Brad sai, e eu abro a gaveta de cima da mesa do meu pai, sorrindo para o abridor de cartas de ouro maciço deitado em um ângulo em cima de seu papel de carta impresso. Isso ainda me mata. O homem mais temido do submundo tem lindos papéis de carta dourados para enviar ameaças de morte. Coloco o envelope contendo seu testamento na gaveta e deslizo o anel do meu dedo, colocando-o em cima. Então eu pego o abridor de cartas, correndo a ponta do meu dedo indicador ao longo da lâmina até chegar ao topo pontudo. Giro até que a pressão perfure a ponta do meu dedo, tirando uma gota de sangue, e inclino a cabeça, estudando-a à medida que ela cresce.

Quando eu ouço uma batida na porta, eu olho para cima enquanto chupo a gota de sangue do meu dedo. Brad conduz para dentro dez dos homens de meu pai.

Não. *Meus* homens.

Cada um deles observa minha posição na mesa de meu pai e inclina a cabeça em respeito. “Perry Adams.” Vou direto ao assunto. “Onde diabos ele está?”

“Ringo saiu há uma hora para dar-lhe um alerta”, responde Brad. “Eles devem chegar a qualquer minuto.”

De todos os homens que Brad poderia enviar, ele envia Ringo. Bom. Eu não estou brincando. “Ele vai pensar que está tendo um pesadelo ao acordar com a desagradável cara de Ringo na cama com ele.” Ringo é um dos meus melhores homens. Ele também é o mais feio. Pele marcada, lábios finos e ameaçadores que tenho certeza que nunca sorriram e um nariz quase tão grande quanto sua careca. Ele poderia fazer um homem chorar, e acho que Perry Adams está chorando agora. Com uma arma enfiada na têmpora.

“Seu pesadelo só vai piorar se ele não tirar o dedo da bunda.” Brad diz, sentando-se, o único homem que está no escritório do meu pai, além de mim, que faz.

Não. *Meu* escritório.

“Quanto tempo até precisarmos estar fora do Estaleiro Winstable?” Eu pergunto.

“Os desenvolvedores começam no mês que vem. Cuidaremos da próxima remessa e então sairemos de lá.”

Fico perdido em pensamentos. O tempo está acabando. Winstable irá embora e eu ainda não garanti a venda da Marina Reach de Byron. Preciso dessa venda ou as operações serão severamente prejudicadas. Ou pare de repente. E Perry Adams, o advogado do proprietário da Marina Byron's Reach, é o homem que vai me conseguir isso. Ele também está concorrendo para se tornar o prefeito de Miami, e isso tem benefícios muito atraentes para mim. É por isso que estou financiando sua campanha. A personalidade leva você longe na política, mas o dinheiro leva você mais longe e eu tenho muito disso. Eu fico com a marina, ele recebe o título de prefeito. É um negócio simples. Ou assim ele pensa. Ele será uma marionete nas minhas mãos

quando estiver no poder. Ele estará à frente do show, mas serei eu governando Miami.

Mas, por enquanto, tudo o que ele precisa fazer é garantir-me a venda da marina. Não deve ser muito difícil. Mas, aparentemente, é. “Por que ele está demorando tanto?”

“Foda-se se seu soubesse.” Brad suspira, assim que a porta se abre e o próprio homem cai na soleira. De cueca. A arma ainda está enfiada em sua têmpora, o dedo de Ringo posicionado no gatilho pronto para me obedecer. A testa de Perry Adams está escorregadia de suor. Estou achando graça. Esse cara é famoso por ser arrogante, mas daquela maneira aceitável que os advogados fazem impunemente. Sua imagem é tudo, desde seus ternos sob medida até sua família perfeitamente pintada. E aqui está ele de cueca, parecendo que poderia ter se cagado.

“Bom dia”, eu gorjeio, descansando na minha cadeira enquanto ele treme diante de mim. “Você tem novidades para mim.” Eu declaro isso como um fato, não como uma pergunta.

“Eu só preciso de mais algumas semanas.” Ele gagueja suas palavras, passando de um pé descalço para o outro. “Os donos da Byron's Reach, os Jepsons, estão em Dubai a negócios. Uma viagem inesperada de última hora. Eu não sabia que eles estavam indo até que eles saíram. Retransmiti sua oferta generosa. Eu tenho a papelada pronta. Está tudo pronto para acontecer. Eu só preciso de uma assinatura.”

“Eu dei a você cinco milhões por aquela marina e dez para sua campanha, Perry”, eu o lembro. “Você está a um passo de se tornar prefeito de Miami, mas *eu* ainda não tenho a porra da minha marina. Isso deveria ter sido encerrado há duas semanas.”

“Algumas semanas”, ele murmura, olhando para o lado onde Ringo permanece com sua arma apontada para sua têmpora.

“Você tem uma semana.” Eu aceno minha mão com desdém. “Tire-o daqui.”

Ringo retira a arma da têmpera de Adams e desce pesadamente sobre a maçã do rosto com um baque desagradável, colocando-o de joelhos.

“Uma semana”, eu reitero enquanto ele é arrastado do meu escritório. Assim que ele sai, eu me levanto, arrumando meu paletó. “Observem ele”, eu ordeno enquanto passo pelos homens, indo para a porta. Não confio em Adams, nunca confiei.

Minha mão para na maçaneta quando ouço um resmungo de um dos meus homens. Eu não ouvi exatamente o que, mas murmúrios falam por si. Eu paro e viro lentamente na porta, meus olhos focando em Pep. Eu nunca gostei dele. Ele está sob o comando de meu pai há décadas e deixou claro que também não gosta de mim, embora nunca na frente de papai.

Ele cruza os olhos em mim, me desafiando o tempo todo. Fodido estúpido. “Perdão?”

Seus ombros se endireitam, uma demonstração de força na frente dos meus outros homens. “Eu não recebo ordens de um bastardo.”

Eu aceno, como se estivesse de acordo, enquanto caminho de volta para a mesa. Está quieto. Tenso. “Você não gosta de mim, Pep?” Eu pergunto, de frente para ele. “Está bem. O velho está morto. Você pode dizer o que realmente sente sobre o filho bastardo dele.”

Os olhos de Pep se voltam para o abridor de envelope na minha mão. Ele não responde. Eu vagueio de volta para ele, casual, batendo a lâmina de ouro sólido na minha palma. Eu o vejo ir para trás. “Danny, eu não queria...”

*Sem segundas chances.* Eu o interrompo no meio de um pedido de desculpas com um golpe da lâmina em sua garganta. Com os olhos arregalados, ele agarra o pescoço enquanto o sangue jorra de seus dedos. Estou surpreso por quanto tempo ele permanece de pé. Na verdade, fico simplesmente

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Unlawful Men 1 The Brit Jodi Ellen Mal..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).